

## O PERCURSO FIGURATIVO E TEMÁTICO DO CARME II, LIVRO I ODES DE HORÁCIO: A ESTRATÉGIA NA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DO CARPE DIEM

Professor Mestre Marco Antonio Abrantes de Barros Godoi.  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### RESUMO

Horácio, poeta epicurista, expressa em sua poesia uma visão de mundo voltada para a busca do prazer e da busca do *momentum* existencial, isto é, a vida vivida intensamente em cada momento, não uma prospectividade do futuro ou um saudosismo do passado. Este tema recorrente em sua obra é sintetizada no carme II do livro I das Odes: a poesia do *carpe diem*. A partir da teoria semiótica francesa analisaremos os recursos estratégicos do discurso horaciano para construção do percurso temático-figurativo de sua visão epicurista do mundo, suas estratégias discursivas para representar o ideal epicurista da felicidade.

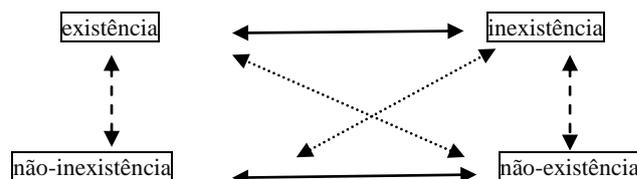
**Palavras-chave:** 1. Horácio. 2. Epicurismo 3. Discurso.

Horácio, poeta de grande destaque na literatura latina do século de Augusto, produziu uma obra poética rica e elaborada permeada de elementos da filosofia epicurista, estes elementos se manifestam por meio de percursos temáticos cujas figuras são estrategicamente construídas com o objetivo de ensinar e agradar como ele diz em sua *Epistola aos Pisões*. Sua obra literária extremamente elaborada na forma e com conteúdo filosófico trabalha temas epicuristas como a busca da felicidade através do prazer, especialmente o carme II do livro I de suas odes poderia ser visto como a síntese deste aspecto doutrinário permeante em outras poesias.

A partir da semiótica, procuraremos analisar o percurso figurativo e temático desta poesia de Horácio; qual é o percurso estratégico utilizado pelo autor para tematizar o elemento da questão existencial conforme a doutrina epicurista. Tendo em vista que o texto constrói um sentido a partir de duas funcionalidades: primeiramente como objeto de sentido ele é constituído de estratégias de construção, em segundo plano trata-se de um objeto de comunicação, isto é, ele é construído dentro de uma cultura e determinado por uma ideologia específica, neste caso a visão materialista que o epicurismo tem do mundo.

Para analisar o texto a semiótica concebe o percurso gerativo do sentido do texto em três níveis:

1- O nível fundamental abstrato onde ocorre a oposição semântica mínima: no caso desta poesia horaciana temos como oposição semântica a questão da existência e da inexistência, como elementos contrários e, por conseguinte, como operação de negação teremos existência e a não-existência; a inexistência e a não-inexistência; representada esquematicamente temos:



O esquema apresenta na seta reta os termos contrários, os termos contraditórios são representados pelas setas em pontos, as setas com linha cortada os termos de afirmação. Aqui temos a questão da categoria tímica, isto é, a disposição afetiva fundamental estabelecendo os valores considerados eufóricos e disfóricos pelo autor que determinam o que o mesmo considera como valor positivo e negativo respectivamente, e Horácio propõe como valor eufórico a existência e disfórico a inexistência.

2- No nível narrativo de análise semiótica temos a questão dos actantes e suas posições construídas a partir do programa narrativo em relação a um objeto de valor. Este programa narrativo é constituído por um enunciado de estado, a modalidade do ser, e um enunciado de ação que é a modalidade do saber.

Na poesia de Horácio temos dois actantes principais, o eu lírico que se dirige a sua amada Leuconoe, que é o segundo actante. Leuconoe e o eu lírico encontram-se em conjunção representando um enunciado de estado, pela perspectiva da existência, que, conforme assinalamos antes é considerado um valor eufórico, tanto pelo poeta como por sua amada.  $PN1 - S1(\text{eu Lírico}) \cap S2(\text{Leuconoe})$ , tratando-se de um programa narrativo primário. Como programa narrativo secundário temos a busca pelo conhecimento do futuro por parte de Leuconoe, através da consulta dos números babilônicos, neste momento da

narrativa estamos no enunciado da ação, a busca do saber por parte do S2 (Leuconóe) que busca prospectar o destino do casal o *finem*. PN2- S2 (leuconóe)  $\cap$  (conhecimento do futuro), isto é, o S2 busca a conjunção com este tipo de conhecimento. Por fim o programa narrativo terciário, mais complexo é a ação do eu lírico se manifestado em reação à consulta aos números babilônicos por parte da amada. O eu lírico propõe uma disjunção em relação a este tipo de saber por parte da amada, e uma conjunção no nível do enunciado de ser no momento da existência (*carpe diem*).

PN3- S1(eu lírico)  $\rightarrow$  {S2(Leuconóe)  $\cap$  OV1( momento)- $\square$ -OV2(futuro)}

A performance do ser e do saber são neste caso feitas em cima de objetos de valor tempo presente e futuro, que se contrastam na perspectiva dos dois actantes; a modalidade do ser se constrói, nesta narrativa entre o momento e o futuro incerto, e nesta modalidade que ambos os actantes encontram-se em conjunção no momento do ser –presente, no momento do ser-futuro há uma disjunção pela modalidade do fazer-saber.

Dentro deste programa narrativo, os sujeitos actanciais são constituídos de competências modais para atuar no progresso narrativo, temos aqui a relação de destinador-manipulador. O eu lírico se destaca como o sujeito que intimida Leuconóe a dever-não fazer, isto é a não consultar os números babilônicos, *Tu ne quaesieris (scire nefas) quem mihi, quem tibi/ finem Di dederint* (Carme II vv1-2) e em seguida provoca Leuconoe a dever-fazer: *Thyrrellum, sapias, uina liques et spatio brevi /spem longam reseces. Dum loquimur, fugerit inuida/ aetas: carpe diem, quam minimum credula postero.* (Carme II vv 6-8) O jogo do percurso do destinador-manipulador neste Carme depende do contrato fiduciário entre o destinador e o destinatário, isto é, Leuconoe deve aderir a provocação do eu lírico; a partir do poder de convencimento do poeta a adesão da amada seria possível pela junção anterior citada e o objeto de valor almejado por ambos ser o mesmo. O objeto valor cultivado como eufórico é representado pelo conhecimento limitado do tempo “ *seu pluris hiemes seu tribuit Iuppitr ultimam*” (Carme II v 4) que conduz os actantes a viverem o momento do prazer : “*uina liques et spatio brevi/ spem longam reseces.*” (Carme II vv-6-7). Embora na finalização do carme não tenhamos conhecimento do resultado do percurso do destinador –manipulador ,pois é a voz (discurso) deste que conclui o desfecho, entramos agora no nível discursivo.

- 3- É no nível discursivo que verificamos como o sujeito da enunciação constrói o seu discurso, suas escolhas para marcar tempo, espaço e das figuras que serão manifestadas no texto poético dano assim o percurso temático do texto.

O eu lírico se projeta na enunciação de forma a se distanciar o se aproximar do que ele diz; na poesia de Horácio temos o poeta se dirigindo a Leuconóe em discurso direto, ele constrói a veracidade de seu discurso como o sujeito detentor do conhecimento da fragilidade do tempo e a incapacidade de se conhecer o futuro. É no nível do discurso que podemos identificar os valores sobre os quais o texto se assenta. Na projeção da enunciação já é bem demarcada no primeiro verso “*Tu ne quaesieris (scire nefas) quem mihi, quem tibi*”, os actantes estão na primeira pessoa *mihi* e na segunda pessoa *tibi*. Trata-se ,nesta poesia, de uma enunciação-enunciada, o narrador e o narratário estão explicitados já no primeiro verso.

O narrador é o detentor absoluto do discurso do início ao final da poesia, mas sempre há a presença do tu a quem ele se dirige. Seu discurso é constituído a partir de uma proposta de criação de uma veridicção dos fatos assinalados pelo mesmo, visto que ele visa intimidar e provocar o narratário (Leuconóe); seu discurso procura criar o efeito da realidade através da organização discursiva das variações socioculturais e históricas.

Sua estratégia de veridicção está na escolha e construção dos termos empregados no discurso “*ut melius quicquid erit pati!*” (carme II v 3), que é uma frase sentenciosa e coloca a questão do suportar; “*uina liques et spatio brevi/ spem longam reseces*” (Carme II vv.6-7) o contraste entre *spatio brevi* e *spem longam* ,contrapostos aqui; “*Dum loquimur, fugerit inuida/ aetas*” (Carme II- vv7-8).aqui o poeta mostra a questão do *tempus fugit*, através da oração adverbial temporal e a principal há um contraste.

Como a principal questão deste carme é focada na problematização do tempo, destacamos o emprego predominante de formas verbais futuras e presente: *qaesieris* (futuro perfeito de *quaero*, -is, -rere, *quaesivi*, -situm); *dederint* (futuro perfeito de *do*, *das*, *dare*, *dedi*, *datum*); *temptaris* (futuro perfeito de *tento*, -as, -are, -avi, -are); *erit* (idem para *sum*, *es*, *esse*, *fui*) e *fugerit* (futuro perfeito de *fugio*, -is, -gere, -gitum). O futuro perfeito neste caso é demarcador do aspecto terminativo identificado em um tempo futuro, e esta escolha por parte do narrador visa uma aproximação da compreensão que o narratário tem do tempo, empaticamente o eu lírico se conjuga com Leuconoe, mas o presente se faz empregado de forma a constatar com o futuro perfeito em *tribuit* (presente do verbo *tribuo*, -is-ere, *tribui*, *tributum*), na concessão de Júpiter do destino humano e *loquimur* (presente indicativo de *loquor*, -eris, *loqui*, *locutum*). Quanto a presente do subjuntivo em *sapias* e *liques* funciona como uma exortação ao ato do prazer do tempo momentâneo, o imperativo *carpe* é uma ordem sentenciosa que, como já observamos anteriormente

sintetiza a proposta do poeta para Leuconóe, demarcando o tempo do momentâneo nem anterior nem posterior.

Quanto ao percurso temático nesta poesia de Horácio, temos o tema centrado na questão do tempo fugidío e as figuras empregadas constroem sua isotopia temática não só pelo jogos das seleções dos tempos verbais aqui anteriormente falado mas também pela figurativização do tema através de termos como o *Babylonios numeros*, técnica babilônica para perscrutar os acontecimentos futuros, *pluris hiemes*, *ultimam*, onde há o contraste entre continuidade e finalização, que também se repete em *spatio brevi e spem longam* e *inuida aetas*, figura metafórica que animiza o tempo como invejoso da vida humana. Quanto ao espaço determinado pelo discurso nesta poesia no verso sete (7), o mare Thyrrhenum, podemos considerá-lo dentro da proposta semântica mínima como o local da existência; até o espaço é simplificado a uma citação geográfica delimitada.

Vimos no nível fundamental os elementos fundamentais mínimos que motivaram a construção discursiva e sua estratégia narrativa através da actorialização do eu lírico e de Leuconóe, no nível discursivo encontramos os elementos concretos do texto e suas figuras que contribuíram para a construção do percurso temático, estas figuras remetem ao muno natural ou mundo natural-construído, é justamente através das figuras que o eu lírico concretiza os temas abstratos e fabrica o efeito de realidade.

Como objeto de comunicação, os elementos aqui apresentados na sua estratégia de construção possuem uma ideologia específica, a busca pelo prazer como última felicidade, o acaso da existência e sua condição de realização no momento vivido, o futuro como mero acaso que conduz ao fim das impressões existenciais, tudo isto colocado na construção dos valores tímicos que o poeta coloca como eufóricos em contraste com a ação de Leuconóe. Assim temos os elementos ideológicos permeando a poesia, alinhando-se à doutrina epicurista materialista.

A poesia e sua Tradução:

Odes I, 2

Tu ne quaesieris (scire nefas) quem mihi, quem tibi  
Finem Di dederint, Leuconoe, Nec Babylonios  
Temptraris numeros. Ut melius quicquid erit pati!  
Seu pluris hiemes seu tribuit Iuppiter ultimam,  
Quae nunc oppositis debilitat pumicibus mare 5  
Thyrrhenum, sapias, uina liques et spatio brevi  
Spem longam reseces. Dum loquimur, fugerit inuida  
Aetas: carpe diem, quam minimum creula postero. 8

Tradução de Ariovaldo Augusto Peterlini  
Não buscarás, saber é proibido, ó Leuconóe,  
Que fim reservarão a mim, a ti os Deuses;  
Nem mesmo os babilônios números perscrutes...  
Seja lá o que for, melhor é suportar!  
Quer Júpiter nos dê ainda mil invernos,  
Quer venha a conceder apenas este último,  
Que agora estilha o mar Tirreno nos penhascos,  
Tem siso, os vinhos vai bebendo, e a esperança,  
De muito longa, faz caber m curta vida.  
Foge invejoso o tempo, enquanto conversamos.  
Colhe o ia de hoje e não te fies nunca,  
Um momento sequer, no dia e amanhã...

#### BIBLIOGRAFIA:

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo: Editora Ática, 1999.  
\_\_\_\_\_. *Teoria do Discurso: Fundamentos Semióticos*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2002.  
GREIMAS, A.J. & COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2011.  
FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2000.  
FONTANILLE, Jacques. *Semiótica do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2011.  
NOVAK, M.G. & NERI, M.L. *Poesia Lírica Latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

